

Depois das ruas de Luanda, os céus do mundo. *O céu não sabe dançar sozinho*, de Ondjaki

Bruno Henrique Coelho*

A reaparição literária de Ondjaki após a publicação de *Os transparentes* (2013), que lhe rendeu o Prêmio José Saramago, parece, à primeira vista, não continuar os caminhos para os quais sua escrita apontava no último romance. Retornado aos contos, postos em prática por ele em *Momentos de aqui* (2001) e *E se amanhã o medo* (2005), as histórias de *O céu não sabe dançar sozinho* (nos demais países de língua portuguesa: *Sonhos azuis pelas esquinas*, 2015), dão continuidade a algumas tendências, como a presença do fantástico e do insólito em sua literatura, e a uma prosa com extremada poesia, interrompendo, contudo o tom crítico de seu último livro.

Composto por contos bastante diversos, divididos em quatro partes nomeadas a partir de versos de um poema (*Para onde eu vou*, em *Como veias finas na terra*, 2010) de Ana Paula Tavares, é interessante prestar atenção às escalas propostas, uma vez que cada uma das histórias recebem o nome de um lugar do mundo, como se fosse um roteiro de viagem. Curioso é que essa excursão comece por Buenos Aires, a cidade de Jorge Luís Borges, com quem as histórias labirínticas do livro flertam.

Parece haver duas chaves na leitura do poema e uma delas é o primeiro conto. Há nele temas caros ao restante do livro. Em conversa com um desconhecido que lhe pergunta sobre uma personagem de sonho chamada Oriegn artse (lido ao contrário: Estrangeiro), o narrador-personagem mantém uma conversa misteriosa, revelando ao leitor – não ao personagem interlocutor – que lhe seria impossível lembrar-se do Oriegn artse porque foi o próprio que o sonhou. A atmosfera onírica do conto, iniciado diretamente com um diálogo, simulando um sonho como quando não se sabe como se chegou ao lugar, sabe-se apenas de estar ali, e o duplo laciano percorrerão mais ou menos ostensivamente os outros contos.

Dentro da diversidade das histórias, o que conduz o leitor pela geografia proposta por Ondjaki não são apenas essas linhas de força traçadas na abertura. A palavra é o veículo e a própria viagem pelos continentes da escrita. É o esforço metalinguístico explicitado em alguns contos, como em “Giurgiu”

Lá em cima, na janela, a mulher lia os meus lábios. Fez-me adeus, apontou para o lado da rua onde eu não cruzaria mais com a polícia. Apanhei o último comboio para Bucareste.

Na viagem, pensei nesse meu movimento apagado dos lábios. Assim como ela, eu fazia isso ao escrever. Como se lesse o pensamento de alguém, como se falasse por alguém (ONDJAKI, 2015, p. 46).

e em “Gorée:” “esvaiu-se nos caminhos do vento, com histórias de desafio à racionalidade, vendendo destinos a quem soubesse escutá-lo” (ONDJAKI, 2015, p. 47).

A palavra é parte da resposta para os vazios e mistérios carregados na bagagem pelo personagem-narrador em vários contos: da carta romena nunca aberta (ONDJAKI, 2015, p. 46), do embrulho chinês (p. 57) e do poema recebido em Oaxaca (ONDJAKI, 2015, p. 65). Talvez a outra parte da resposta seja a mesma para uma das questões drummondianas:

Carrego comigo
há dezenas de anos
há centenas de anos
o pequeno embrulho.

Serão duas cartas?
será uma flor?
será um retrato?
um lenço talvez? (ANDRADE, 2012, p. 15).

Se o nome do livro no Brasil engana por dar a impressão de não participar da organicidade da última produção do angolano, a capa e a contracapa da primeira edição compensam e explicam-no. Na capa, a silhueta de um homem segurando uma sombrinha, de costas para o leitor, caminhando em uma estrada que se estende à sua frente, sob um céu azul cheio de nuvens dominando dois terços da imagem. Na quarta capa, o céu predomina, com a imagem do homem no canto inferior esquerdo, dando a ideia de movimento. O céu torna-se movente (porque dançante) na medida em que recebe a companhia do viajante e representa um caminho mais livre do que a estrada sob seus pés, porque no azul não há margens e é por isso que de Buenos Aires vamos, sem explicação ou pouso, a Budapeste, até chegarmos ao último conto, no *Mussulo*.

Mussulo parece ser a segunda chave de leitura. A nota de rodapé deixada pelo autor pode ser uma confidência de que aquela angústia foi uma história vivida por ele. Como se todos os sonhos azuis de antes fossem o estado intermediário para o despertar de uma memória que aparece sob tantas sombras quanto um sonho. Só então se completa a epígrafe do livro: “em qualquer estação/ é *perto* que mais somos”.

Após o mergulho na complexidade da Luanda contemporânea em *Os transparentes*, apesar das flagrantes diferenças, *O céu não sabe dançar sozinho* configura-se como a necessidade de afastar-se daquele espaço privilegiado na literatura angolana (MACÊDO, 2008), sem, entretanto, abandonar Angola (também visitada no conto *Moçâmedes*), afastar-se daquela cidade que apaga os seus, para, ao cabo, encontrar-se consigo, como o conto final, *Mussulo*, sugere.

Nota Explicativa

*Aluno do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo (USP) (mestrado em andamento).

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MACÊDO, Tania Celestino de. *Luanda, cidade e literatura*. São Paulo: UNESP; Luanda: Nzila, 2008.
- ONDJAKI. *O céu não sabe dançar sozinho*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2015.

Enviado em: 19 de agosto de 2015

Aprovado em: 17 de dezembro de 2016